

# IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NA REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA REDE HOSPITALAR

Stephanie Alves Felipe da Silva<sup>1</sup>  
Mônica de Oliveira Rocha Amorim<sup>2</sup>

## RESUMO

A assistência ao parto no Brasil passou por diversas mudanças ocasionadas pelo avanço da medicina e o processo de institucionalização. Essas modificações trouxeram inúmeros benefícios, porém contribuí para uma redução na humanização do parto e conseqüentemente, contribuí para o aumento de práticas de violência obstétrica. O enfermeiro torna-se então indispensável para redução dessa prática. **OBJETIVO:** Apurar na literatura acerca da importância da atuação da enfermagem na redução da violência obstétrica. **MÉTODO:** O artigo foi feito a partir da metodologia da revisão integrativa de literatura que combina dados da literatura teórica e empírica permitindo um completo entendimento acerca dos fatos. **RESULTADOS:** A partir da busca nas bases de dados científicas, obteve-se uma amostra final de seis artigos que serviram como embasamento para o desenvolvimento do estudo. **CONCLUSÃO:** é necessária uma reflexão e discussão dos profissionais de saúde, em especial o enfermeiro, acerca de possíveis melhorias na qualidade da assistência materno-infantil. **DESCRITORES:** Violência contra a mulher; Enfermagem obstétrica; Humanização da assistência.

## INTRODUÇÃO

A maternidade consiste em um momento diferenciado na vida da mulher, período de grandes mudanças, tanto físicas quanto emocionais, que trazem sentimentos de ansiedade e insegurança.<sup>(1)</sup>

A assistência ao parto no Brasil passou por diversas mudanças ocasionadas pelo avanço da medicina e o processo de institucionalização. Essas modificações trouxeram inúmeros benefícios, porém contribuiu para uma redução na humanização do parto e conseqüentemente, contribuiu para o aumento de práticas de violência obstétrica.<sup>(1-2)</sup>

O parto é um processo natural, que consiste no momento em que o concepto deixa o útero, podendo apresentar-se em dois tipos: cesáreo ou normal e pode ser composto por quatro períodos: dilatação, expulsão, secundamento e período de Greemberg.<sup>(3)</sup>

Grande parte das gestantes é induzida ao parto cesariano, tornando-as mais propensas a sofrer com a violência obstétrica, que é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como qualquer tratamento abusivo e desrespeitoso durante o processo do parto, seja insultos verbais, agressão física, humilhação, procedimentos sem permissão, recusa na administração de analgésicos, falta de confidencialidade, proibir escolha do acompanhante e indução ao parto cesáreo desnecessário.<sup>(4)</sup>

Intervenções dispensáveis são comuns em nosso modelo assistencial, acarretando prejuízos físicos e psicológicos à parturiente e seu concepto, afetando a experiência de parir da mulher. Estima-se que uma a cada quatro mulheres sofre algum tipo de violência durante o parto no Brasil, tornando-se um problema de saúde pública.<sup>(5)</sup>

Segundo a OMS, gestantes no mundo todo sofrem abusos, gritos, ofensas proferidas pelos profissionais de saúde, procedimentos invasivos sem o consentimento (episiotomia), negligência, proibição de acompanhante durante o parto, dentro outros tipos de violências.<sup>(4)</sup>

De acordo com a legislação, através da Lei nº 7.498/86, de 25 de junho de 1986, é preconizado à enfermagem o acompanhamento e evolução do trabalho de parto sem distocia. Portanto, o enfermeiro tem papel de demasiada importância para a realização da humanização na assistência ao parto.<sup>(6)</sup>

A violência obstétrica é uma realidade que precisa ser combatida, visto que toda mulher tem direito a um padrão de saúde de qualidade e respeito.<sup>(3)</sup>

Na atualidade, existem políticas nacionais de atenção às mulheres. Um exemplo é a “Rede Cegonha”, instituída pela portaria nº 1.459 de junho de 2011, que garante assistência ao planejamento reprodutivo e atenção humanizada à gravidez, ao parto e ao puerpério.<sup>(7)</sup>

Apesar disso, muitos profissionais da rede hospitalar apresentam déficits na qualidade do atendimento às gestantes no parto e pós-parto, interferindo diretamente no parto humanizado, que se configura como uma assistência através de condutas que promovam o processo de parir e o nascimento saudável, evitando condutas que ofereçam riscos para a mãe e o neonato.<sup>(8-9)</sup>

Portanto, a humanização torna-se fundamental na assistência da enfermagem, devido ao alto nível de vulnerabilidade das gestantes.<sup>(9)</sup>

Sendo assim, diante do exposto, considerando o aumento dos índices de intervenções desnecessárias, relatos de violência obstétrica sofrida por mulheres de todo o mundo, o trabalho justifica-se na importância da disseminação do conhecimento aos profissionais de enfermagem, afim de que a atuação seja pautada na humanização.

A partir disto, têm-se como objetivo do estudo, apurar na literatura acerca da importância da atuação da enfermagem na redução da violência obstétrica.

## MÉTODO

Para a realização deste estudo foi utilizada a metodologia da Revisão Integrativa de Literatura que permite a síntese de diversas fontes de conhecimento e incorporação dos resultados obtidos à prática. Dentre as modalidades, a revisão integrativa é a mais ampla, pois combina dados da literatura teórica e empírica permitindo um completo entendimento acerca dos fatos.<sup>(10)</sup>

De acordo com a literatura, para a construção da revisão é necessário seguir seis etapas: identificação do tema de pesquisa, escolha dos critérios de inclusão e exclusão, resultados, categorização dos resultados, interpretação dos resultados e por fim, apresentação da revisão.<sup>(2)</sup>

As bases de dados escolhidas para a busca foram: Scientific Electronic Library Online (SciELO); Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

A partir desta escolha, foram estabelecidos os critérios de inclusão: publicações que caráter quantitativo e qualitativo, nos idiomas inglês e português, no período de 2015 a 2020 que se atenha a problemática do estudo. Como critérios de exclusão, foram selecionados: publicações que tratem da violência obstétrica fora do contexto hospitalar, documentos editoriais e relatos de experiência.

Na busca nas bases de dados foram combinados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) com auxílio de operadores booleanos: “violência contra a mulher” and “enfermagem obstétrica” and “humanização da assistência”, através dos seguintes cruzamentos: “violência contra a mulher” AND “enfermagem obstétrica” e “violência contra a mulher” AND “humanização da assistência” nos idiomas português, como exemplificado, e no inglês.

A busca resultou em 157 artigos, que após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, chegou-se a uma amostra final de 6 artigos, os quais foram lidos na íntegra para desenvolver a discussão do presente estudo.

## RESULTADOS

Após realização de pesquisa nas bases de dados, observou-se quanto a pouca quantidade de estudos na literatura acerca da importância e contribuição da enfermagem na redução da violência obstétrica. A amostra final foi composta por seis artigos, sendo três da base de dados Scielo e três da base de dados LILACS, não havendo nenhum resultado na terceira base de dados PubMed.

Os artigos encontrados são predominantes do ano de 2017 (2) e 2019 (2), seguido do ano de 2018 (1) e 2020 (1), sendo todos publicados em revistas nacionais, com variações nos idiomas português, inglês e espanhol.

A tabela abaixo ilustra a pesquisa nas bases de dados, com dados numéricos referentes ao processo de seleção dos artigos, baseado nos critérios de inclusão e exclusão.

Tabela 1 - Estratégia de busca eletrônica. Natal, RN, Brasil, 2020

Bases de dados	Publicações Obtidas	Publicações excluídas	Publicações selecionadas
SCIELO	28	25	3
LILACS	73	70	3
PUBMED	56	56	0
Total	157	151	6

Abaixo foi organizada uma segunda tabela com o objetivo de destacar as principais informações sobre a amostra de estudo.

Quadro 1 – Dados da amostra. Natal, RN, Brasil, 2020

Nº	Título	Objetivo	Conclusão
----	--------	----------	-----------

1	Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto	Averiguar o conhecimento de mulheres sobre a violência obstétrica e verificar as formas de violência obstétrica vivenciadas por mulheres durante o processo de parturição.	Conclui-se que urge a necessidade de implantação de medidas que assegurem assistência humanizada e estratégias de empoderamento das mulheres de modo que passem a ser protagonistas no ato de parturição.
2	Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa.	Realizar uma revisão narrativa de estudos sobre violência obstétrica.	Os resultados encontrados nesta revisão narrativa expressam a necessidade de promover um entorno de saúde mais adequado tanto para as usuárias como para os profissionais, no

			<p>qual os procedimentos sejam mais regularizados, claros e organizados, e propiciem um ambiente mais seguro.</p>
3	<p>O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições.</p>	<p>Compreender a percepção de residentes em Enfermagem Obstétrica sobre violência obstétrica em uma maternidade referêcia do município de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, Brasil.</p>	<p>O estudo aponta que as residentes reconhecem a prática da violência obstétrica no processo de formação e suas repercussões para a mulher e, ainda, evidencia a necessidade premente de investimento institucional em espaços que promovam</p>

			discussões sobre a violência obstétrica.
<b>4</b>	Violência obstétrica na percepção das puérperas.	Analisar a percepção das puérperas a respeito da violência obstétrica em uma maternidade de um município paraibano.	Os dados alertam que a falta de informações no pré-natal pela equipe de enfermagem pode levar a consequências maiores como a violência obstétrica.
<b>5</b>	O discurso da violência obstétrica na voz das mulheres e dos profissionais de saúde.	Analisar os discursos de mulheres e profissionais de saúde sobre a assistência ao parto, considerando as situações vivenciadas e as interações	O tratamento hostil constitui um dos obstáculos à humanização da assistência ao parto, interferindo na escolha da via de parto, sendo necessário rever o conceito de violência



		construídas entre eles durante o trabalho de parto e parto.	obstétrica, considerando todas as suas especificidades e nuances.
<b>6</b>	Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica.	Conhecer a percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica.	O estudo revelou as percepções das enfermeiras vislumbrando a necessidade de estratégias preventivas à ocorrência do fenômeno da violência obstétrica.

## DISCUSSÃO

Diante da apuração dos resultados obtidos, pode-se entender que o termo violência obstétrica ainda é desconhecido por parte de muitas parturientes e que não há um consenso a respeito do conceito da prática, apesar de existir inúmeras evidências de que a mesma ocorra no Brasil e no mundo.<sup>(10-13)</sup>

A partir da transição do parto natural e domiciliar para o ambiente hospitalar, observa-se que a autonomia antes pertencente à gestante não existe mais na maioria dos casos, decorrente da atuação inadequada de profissionais que tomaram o controle da situação, sem à

atenção a todas as particularidades e necessidades de adaptação que podem ocorrer no momento do parto.<sup>(12)</sup>

Em um dos estudos em campo, do tipo descritivo e com abordagem quantitativa, cuja amostra foi composta por 132 mulheres, aponta que um total de 79 participantes (59,8%) desconhece o termo “violência obstétrica” e 126 (95,5%) alegaram não terem recebidos informações sobre o tema no decorrer de seu acompanhamento pré-natal, o que comprova, através de números, falhas na assistência que repercutem negativamente no processo parturitivo e por toda a vida da paciente.<sup>(12)</sup>

A assistência de enfermagem de forma humanizada, prestada pela enfermeira obstétrica, torna-se primordial para que o parto seja uma boa experiência vivenciada pela mulher. Porém, existem alguns entraves que se tornam obstáculos para prestação de uma assistência de qualidade.<sup>(13)</sup>

Mesmo a enfermagem reconhecendo a existência da violência obstétrica no ambiente hospitalar, através de suas próprias experiências, existe outros fatores que dificultam a extinção da prática, como os limites estabelecidos pela hierarquia médico/enfermeiro, que restringe sua atuação adequada. Além disso, são ofertados procedimentos invasivos e desnecessários, maus tratos físicos, verbais e emocionais.<sup>(13-14)</sup>

Para algumas enfermeiras, determinadas condutas são justificadas mediante as complicações e são justificáveis devido à ignorância quanto ao reconhecimento do que é uma prática de violência obstétrica, ou não.<sup>(15)</sup>

## **CONCLUSÃO**

Dentro desta perspectiva, apesar das limitações do estudo devido à incipiência de achados na temática abordada, o estudo permitiu identificar alguns fatores que impossibilitam a efetividade de uma assistência obstétrica humanizada e de qualidade, como o

desconhecimento, não só das parturientes, mas também dos profissionais de saúde quanto ao conceito de violência obstétrica.

A ignorância acerca do assunto permite que o mesmo seja ignorado e não seja questionado no meio hospitalar. Permitindo a perpetuação de condutas inadequadas que ferem os direitos individuais, sexuais e reprodutivos da mulher.

Os resultados encontrados apontam para uma a necessidade de uma maior compreensão sobre o assunto, tanto no meio profissional, através de qualificação, quanto às gestantes, durante seu acompanhamento pré-natal, por meio de educação em saúde oferecida pelo enfermeiro, que tem um papel indispensável no acolhimento e apoio da gestante, e os dados mostram que a falta de informações ofertadas desencadeia em graves consequências, a exemplo da violência obstétrica.

Portanto, é necessária uma reflexão e discussão dos profissionais de saúde, em especial o enfermeiro, acerca de possíveis melhorias na qualidade da assistência materno-infantil. Além disso, a implantação do conteúdo desde a fase acadêmica de sua formação, permitindo o fortalecimento e adoção de práticas humanizadas.

## REFERÊNCIAS

1. Moura RCM, Pereira TF, Rebouças FJ, Costa CM, Lernades AMG, Silva LKA, et al. Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. *Enferm. Foco* 2018; acesso em 22 de julho de 2020; 9(4): 60-65. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2019/02/Cuidados-De-Enfermagem-Na-Preven%C3%A7%C3%A3o-Da-Viol%C3%Aancia-Obst%C3%A9trica.pdf>.
2. Jardim DMB, Modena CM. A violência obstétrica no cotidiano assistencial e suas características. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* 2018; acesso em 19 de julho de 2020; 26:e 3069. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.2450.3069>.
3. Montenegro CAB, Rezende, JRF. *Rezende obstetrícia*. 13 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.
4. Organização Mundial da Saúde. *Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde* 2014; acesso em 1 de julho de 2020. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/134588/WHO\\_RHR\\_14.23\\_por.pdf?sequence=3](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/134588/WHO_RHR_14.23_por.pdf?sequence=3).
5. Lansky S, Souza KV, Peixoto ERM, Oliveira BJ, Diniz CSG, Vieira NF, et al. *Violência Obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes*. *Ciênc.*

- Saúde coletiva 2019; acesso em 14 de maio de 2020; 24(8). Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232019000802811&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232019000802811&script=sci_arttext).
6. Brasil. Lei 7.498/86, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem. Diário Oficial da União. De junho de 1986; acesso em 20 de julho de 2020. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986\\_4161.html](http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html).
7. Brasil. Ministério da Saúde | Rede cegonha [Internet]. Brasil; acesso em 22 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/acoes-e-programas/rede-cegonha>.
8. Menezes FR, Reis GM, Sales AAS, Jardim DMB, Lopes TC. O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. Interface (Botucatu) 2020; acesso em 15 de julho de 2020; 24. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v24/1807-5762-icse-24-e180664.pdf>.
9. Souza MT, Silva MD, Carvalho R. *Integrative review; what it is? How to do it?* Einstein 2010; acesso em 22 de julho de 2020; 8(1 Pt 1):102-6. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/1679-4508-eins-8-1-0102.pdf>.
10. Nascimento SL, Pires VMMM, Santos NA, Machado JC, Meira LS, et al. *Conocimiento y vivencias de violencia obstetrica en mujeres que han vivido la experiencia del parto*. Revista Enfermería Actual 2019; acesso em 20 de outubro de 2020; 37. Disponível em: <https://www.scielo.sa.cr/pdf/enfermeria/n37/1409-4568-enfermeria-37-66.pdf>
11. Zanardo GLP, Uribe MC, Nadal AHR, Habigzang LF. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. Psicologia & Sociedade 2017; acesso em 20 de outubro de 2020; 29: e155043. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v29/1807-0310-psoc-29-e155043.pdf>
12. Pascoal KCF, Carvalho MA, Candeia RMS, Pereira JB, Cruz RAO, Filgueiras TF. Violência obstétrica na percepção de puérperas. Revista Nursing 2020; acesso em 20 de outubro de 2020; 23 (265): 4221-4226. Disponível em: <http://www.revistanursing.com.br/revistas/265/pg138.pdf>
13. Menezes FR, Reis GM, Sales ABS, Jardim DMD, Lopes TC. O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. Interface (Botucatu) 2020; acesso em 20 de outubro de 2020; 24: e180664. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v24/1807-5762-icse-24-e180664.pdf>
14. Oliveira VJ, Penna CMM. O discurso da violência obstétrica na voz das mulheres e dos profissionais de saúde. Texto Contexto Enfermagem 2017; acesso em 20 de outubro de 2020; 26(2):e06500015. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/tce/v26n2/pt\\_0104-0707-tce-26-02-e06500015.pdf](https://www.scielo.br/pdf/tce/v26n2/pt_0104-0707-tce-26-02-e06500015.pdf)
15. Leal SYP, Lima VLA, Silva AF, Soares PDFL, Santana LR, Pereira A. Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica. Cogitare Enfermagem 2018; acesso em 20 de outubro de 2020; 23(2): e52473. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/05/883486/52473-231497-1-pb.pdf>